

Guidismo: cem anos educando para a paz

The Girl Guide Movement: one hundred years educating for peace

Recebido em: 2 de outubro de 2011

Aprovado em: 29 de dezembro de 2011

María Luisa García Rodríguez

Professora da Universidade de Salamanca, Espanha. Bacharel em Pedagogia e em Psicologia. Professora de Educação Infantil e Primária.

E-mail: malugaro@usal.es

Andrés de Castro Garcia

Bacharel em Direito pela Universidade de Salamanca, Espanha.

E-mail: decastro@usal.es

Resumo:

O Guidismo celebra o segundo ano dos três convencionados para festejar o primeiro centenário de sua história. A coincidência com o décimo aniversário do ataque terrorista às torres gêmeas ajuda a recordar os esforços que por meio desta entidade foram realizados ao longo de muitos anos para cumprir com o compromisso de lutar pela paz. Numa data que convida à reflexão sobre o valor da paz e da influência da educação nesta, queremos ressaltar a condição do Guidismo de propagador da fraternidade universal. Ao mesmo tempo em que admiramos a tenacidade e a valentia de quem trabalhou para instaurá-la e mantê-la, felicitamo-nos por ter a sorte de viver este momento histórico que tantas mentes, mãos e corações souberam propiciar. Sentimo-nos responsáveis pela continuação da tarefa empreendida e, para consegui-lo, cremos que é necessário começar pela exposição de suas principais mensagens. Conhecer-lhes melhor é a intenção da busca que aqui abordamos.

Palavras chave: Guidismo (escotismo feminino), educação, paz, fraternidade universal

Abstract:

Guiding celebrates the second year of the three that were agreed to celebrate the centenary of its history. The coincidence with the tenth anniversary of the terrorist attack on the twin towers helps to remind the efforts that this organization has been carrying out over many years to fulfill the commitment to fight for peace. On a date that invites reflection on the value of peace and the influence of education on it, we want to highlight the idea of Guiding universal brotherhood. While we appreciate the tenacity and courage of those who have been working to promote and maintain it, we are pleased to have the chance to live this moment in history that so many minds, hearts and hands were able to support. We feel the responsibility to continue the work already started and to achieve this we need to start harvesting their main messages. Knowing them better is the intent of the search that we address here.

Key words: Guiding (Girl Scouting), education, peace, universal brotherhood.

Introdução

Iniciamos a redação destas páginas em Salamanca (Espanha) no dia 8 de setembro de 2011. É a celebração da festa da Virgem de Vega, patrona da cidade, e respira-se um ar de convivência agradável que nos faz recordar outra jornada similar: o dia 12 de junho, as festividades do patrono. San Juan de Sahagún, frei Agostinho, viveu no século XV e é conhecido como o pacificador de Salamanca.

Seu maior mérito foi conseguir, três anos antes de sua morte, que os dois bandos contrários por juramento que então viviam na capital se perdoassem e abraçassem dando testemunho de concórdia, assinando um documento público desejando o bem, a paz e o sossego da cidade e prometendo verdadeira amizade, conformidade e união.

Em meio ao entorno festivo e tranquilo que se desfruta não podemos evitar sentir-nos impressionados pela lembrança do ataque terrorista às torres gêmeas de 11 de setembro de 2001, conhecido na Espanha como “11-S”, que comemora uma década. E depois dessa lembrança vem a do dia 11 de março de 2004, quando ocorreu em Madrid o maior ataque terrorista da história da Europa: o 11-M.

A coincidência no número 11, conduz - neste ano de 2011 – a que relacionemos com outras datas que as forças da natureza gravaram na nossa memória: o terremoto e tsunami no Japão de 11 de março e o duplo terremoto em Lorca, Murcia (Espanha) de 11 de maio.

Porém, Robert Powell, o fundador do Escotismo, aconselhava na sua última mensagem que buscássemos o lado bom das coisas e verdadeiramente este ano de 2011 também nos oferece sensações de outra natureza. Estamos vivendo o momento histórico inigualável e que supõe a celebração do Centenário do Guidismo, movimento juvenil que trabalha na prevenção de conflitos educando para a paz e contribui para suavizar os efeitos dos desastres naturais educando em função os preceitos da solidariedade. Estas razões aliam-se para impulsionar-nos a escrever sobre dois conceitos eternamente entrelaçados: Guidismo e paz.

1. O valor da paz

Em várias ocasiões temos a sensação de que a história da humanidade reflete fundamentalmente a história das confrontações. Quanta violência foi perpetuada em nome da paz, do bem, da pátria, da ordem e das leis! Temos um mundo dividido por

fronteiras e nacionalidades frequentemente estabelecidas por meio de avanços bélicos e campanhas militares. Entre 1914 e 1945 as cifras de mortos alcançaram os 70 milhões e até hoje nem um só dia transcorreu sem nenhuma guerra no mundo.

Entretanto, é na dificuldade que nasce a esperança mais profunda. No preâmbulo da Constituição da UNESCO indica-se que “já que as guerras nascem na mente dos homens é na mente dos homens onde devem ser erguidos-se os baluartes da paz”. A paz não pode ser comprada, todos necessitamos dela e, curiosamente, quanto mais paz se dá, mais paz se tem.

Necessitamos desenvolver empatia com pessoas de outras culturas que vivem em circunstâncias variadas e diferentes das nossas. Uma exigência inevitável é aprender suas línguas para facilitar a comunicação e com ela a aproximação que permita conhecer e aprender a respeitar a todos. Chegaremos a deduzir que o destino de cada uma das criaturas que habita o planeta está inter-relacionado e a segurança de cada um radica no respeito a todos.

Necessitamos entender que estamos dotados de liberdade e que podemos exercita-la para bem ou para mal. Temos a responsabilidade de decidir e do exercício de dita responsabilidade deriva a capacidade de transformar positivamente o mundo.

Desde esta perspectiva a liberdade pode ser entendida como predisposição à mudança, como esperança de um mundo melhor que o futuro pode oferecer-nos se possuímos a disposição necessária para imagina-lo e trabalhar por ele. Devemos assegurar-nos de que a juventude do presente tenha liberdade para que possa captar a grande riqueza que se esconde na oportunidade de deixar este mundo em melhores condições... Devemos valorizar a importância do desenvolvimento humano, a complexa rede de instituições que trabalham para educar com coração... Compreender, finalmente, o esforço pela paz de uma coletividade quase sempre minoritária.

1.1 Primeiras evidências da aparição da cultura de paz

A busca da paz tem sido algo permanente ao longo da história da humanidade. Já nos primeiros testemunhos pictóricos que aparecem no pleistoceno inferior permittem-nos demonstrar que a natureza do homem é contrária à existência de conflitos que minam sua própria identidade.

Desde que se tem certeza da aparição dos primeiros assentamentos humanos na Península Ibérica, evidencia-se que a cultura de paz e a luta pela vida são perpetuas, manifestando-se em suas criações artísticas, nas pinturas rupestres.

1.2 A busca da paz por meio do direito positivo

Na Babilônia do ano 1800 a. C. acontece um fato que modificará todo o porvir da influência jurídica no avanço pela paz: a elaboração do Código de Hammurabi. Mediante este primitivo e rudimentar mecanismo jurídico, o rei babilônico promulgou uma série de normas penais visando a melhor governabilidade do seu território e com o claro objetivo de lograr um avanço na conquista da paz neste lugar.

A crítica que podemos fazer hoje a essas normas é com relação a sua crueldade inusitada, facilmente explicada pela famosa expressão “olho por olho e dente por dente”, ainda que, se consideramos o estado da humanidade nesses momentos, devemos admitir que se tratava de um avanço.

1.3 A eirene grega

Ειρήνη (eirene) foi o termo do grego antigo utilizado para referir-se à paz. Grécia tem um papel fundamental na totalidade das ciências e no avanço científico e moral que aconteceu no resto da Europa até a conquista da península helênica por parte de Roma.

É um exemplo fundamental para demonstrar a importância da cultura de paz já que os gregos amavam esse conceito sem ressalvas. Isso não impedia que algumas das πόλις (polis) gregas desenvolvessem métodos e estratégias para a guerra que ainda continuam surpreendendo-nos.

Isto se explica porque a paz para os gregos era a ausência de conflito, garantida pelos seus exércitos, para manter as rédeas de seu próprio destino e fazer a guerra caso fosse necessário.

Quando fazemos referência à Grécia, mencionamos o filósofo Platão e resumimos seu pensamento mediante uma citação do autor espanhol García Caneiro que diz “para Platão, a discórdia (a guerra) no interior de uma cidade, é o maior dos males; portanto, o objetivo da política deve ser estabelecer a paz no interior da cidade, paz que

não pode ser encontrada mais além de uma harmonia baseada na justiça...” (CANEIRO, 2002 p. 28)

Igualmente interessante é a contribuição de Aristóteles ao criticar em sua obra “A política” o fato de que a guerra seja o objetivo primordial da sociedade espartana e sustentar que “o único propósito da guerra é restaurar a paz” (CANEIRO, 2002 p. 31).

1.4 A pax romana

Roma é uma continuação lógica do mundo grego e, em consequência, devemos continuar desenvolvendo a idéia anterior. Uma das máximas mais conhecidas do mundo latino é sem dúvida a que nos legou Vegecio: *"Igitur qui desiderat pacem, praeparet bellum"* (VEGECIO, 2006) que deu lugar à ainda mais famosa expressão *"Si vis pacem para bellum"*, se queres a paz, prepara-te para a guerra.

A questão é que nem o grego nem o romano estão dispostos a renunciar a sua independência, liberdade e soberania para estabelecer uma paz irreal, imposta por terceiros, ainda que isso não implique que não apreciem a paz.

Neste sentido, a *pax romana* foi o mais feliz período da história de Roma e constitui o tempo no qual reinou a paz nas fronteiras interiores do Império, ainda que fora do mesmo continuasse a política de expansão levada a cabo pelos generais romanos. Logo, não se pode falar de uma paz completa.

2. A educação para a paz

"Ao mundo fez falta introduzir no seu currículo uma educação para a paz". Com estas palavras começava Óscar Arias, presidente da Costa Rica e Prêmio Nobel da Paz em 1987, seu discurso de investidura como doutor honoris causa pela Universidade de Salamanca no dia 2 de dezembro de 2009.

A educação é a fórmula para potencializar uma comunidade capaz de criar e transformar constantemente. Não basta educar, é necessário perguntar-se que tipo de pessoa procuramos formar e para que tipo de sociedade, sendo capazes de construir dentro da comunidade educativa o mundo que gostaríamos de disfrutar fora dela.

Quem educa necessita perguntar a se mesmo quem é, o que quer e como consegui-lo com critérios sérios impregnados de originalidade e imaginação. É sua

obrigação começar propondo e delineando uma linha que dê resposta às necessidades e permita participar na responsabilidade de construir o mundo.

As crianças que temos nas mãos representam a esperança de um futuro melhor para toda a humanidade. Sentimos que nos une a eles um vínculo especial, nos reconhecemos em características comuns e compartilhos, entre outras coisas, espaços e momentos, ou seja, reunimos os requisitos de uma verdadeira comunidade.

O pertencimento a uma comunidade supõe a existência de uma relação interpessoal interna que requer a solidariedade entre seus membros. A comunidade formar-se-á com a soma do melhor de cada componente, que deve encontrar nela um lugar onde possa manifestar, desenvolver e aportar suas melhores capacidades.

É necessário reconhecer que, apesar desta aproximação, as comunidades, de igual maneira que seus integrantes, são imperfeitas. Diante desta realidade, o mais importante, nas palavras de Amparo Echeverría, uma das educadoras guias mais convictas e com as ideias mais claras dentre as que conhecemos, é que “somos gente em andamento”, ou seja, em processo de progressão, e, portanto, caminhamos em direção a nossa meta porque ainda falta um trecho para chegarmos a ela.

Já que toda comunidade está inscrita no mundo também deve-se admitir certa interpelação desde o exterior de se mesma. Desde esta perspectiva cabe contemplar a quem não pertence à comunidade como una existência positiva para dita comunidade porque serve como referência para reafirmar a própria identidade e idiossincrasia e porque ajuda-nos que treinemos aprender a acolher. E, uma vez hajamos conseguido aportar a alguém de fora algo positivo, deveremos perguntar-nos como esse alguém nos enriquece e nos ajuda a viver.

3. Apartações do Guidismo à educação para a paz

À longa história de intervenções em favor da educação para a paz chegou para somar-se há cem anos o Guidismo. Seu peculiar estilo realizou durante este primeiro século de sua existência uma valiosa e única contribuição.

3.1 Guidismo, cem anos de história

Apreciar e valorizar o impacto educativo e social, assim como a força inovadora do Guidismo no mundo, requer situar-se mentalmente no começo do século XX para

imaginar a situação real da mulher. Desde seu início o Guidismo foi um movimento juvenil feminino emancipatório, que se tornou possível graças à coragem das mulheres que lutaram pela sua autonomia, comprometidas com a criação e construção de uma entidade totalmente feminina.



3.2 A Associação Mundial das Guias Scouts (A.M.G.S.)

Segundo o documento intitulado *Pontos Básicos* (1976) a Associação Mundial das Guias-Scouts é uma organização educativa, aberta a todas as meninas e jovens que orienta, coordena e ajuda à organização do [Guidismo](#) no mundo inteiro.

De acordo com as normas de afiliação, as [Organizações Nacionais](#) aderem-se voluntariamente aos princípios fundamentais do movimento: A [Promessa](#) e a [Lei](#), o [Lema](#) e a [Boa Ação Diária](#) estabelecidos por [Baden-Powell](#).

São independentes de qualquer organização governamental, “sem distinção de religião, raça, nacionalidade, condição econômica, política ou qualquer outra circunstância”. (*Estatuto e Regulamento da Associação Mundial das Guias Scouts*, Artigo IV).

O Guidismo sempre esteve a frente ideologicamente dos avanços da sociedade e esta atitude vanguardista e de integração seria refletida mais tarde, por exemplo, no artigo 11 da Constituição Espanhola de 1978.

A definição da A.M.G.S. continua servindo atualmente quando há mais de 10 milhões de Guias Scouts em 155 países que se organizam em cinco regiões: Europa, Árabe, África, Ásia e Hemisfério Ocidental.

3.2.1 Origem da Associação Mundial

Em 1919, Lady Baden Powell, esposa do Fundador, formou um Conselho Internacional que facilitara o trabalho do Guidismo/Escotismo Feminino nos diferentes países, exerceu o papel de vínculo entre eles e de conservação dos Princípios Fundamentais. A Primeira Conferência Internacional aconteceu em 1920.

Com o aumento do número de afiliadas acreditou-se que a unidade de propósito e a compreensão compartilhada dos princípios fundamentais seriam oferecidos de melhor maneira por uma Organização Mundial definida na qual todas pudessem compartilhar responsabilidades.

Deste modo, na 5ª Conferência Internacional de 1928, formou-se a Associação Mundial das Guías Scouts. Olave, Lady Baden Powell, foi nomeada Chefe Guia Mundial em 1930. Ao aceitar o cargo disse “farei todo o possível para ajudar a todos em todos os lugares” e verdadeiramente dessa forma atuou.

3.2.2 Objetivo da Associação Mundial

O objetivo da Associação Mundial é promover a unidade de propósito e o acordo comum ao redor dos princípios fundamentais do Movimento das Guías Scouts no mundo, assim como estimular a amizade entre as meninas de todos os países dentro e fora de suas fronteiras. Assim, por meio da fraternidade internacional pode contribuir à manutenção da paz entre as nações.

3.3 Guidismo pela paz

São várias as perspectivas desde as quais o Guidismo propõe a educação para a paz. Na presente ocasião abordaremos o tema através de quatro dos possíveis pontos de vista: sua peculiar metodologia educativa, a reflexão que desde o Guidismo vem sendo praticada em torno da paz, a realização de ações concretas e a influência da sua condição de entidade feminina. Os dados relativos aos tópicos da reflexão e da ação centram-se no caso da Espanha.

3.3.1 Guidismo pela paz na metodologia educativa

Nossa entidade, nossos Grupos, nossas Unidades são comunidades vivas. Uma comunidade comparte bens muito importantes como são a língua, a cultura ou a herança histórica. Toda coletividade, por pequena que seja, tem uma história. O mais importante dessa história é a percepção que seus integrantes têm desses fatos. E cremos que:

1.- O Guidismo tem sido referência de convivência pacífica em diversos contextos: geográfico, cultural, político, econômico... e valoriza especialmente sua dimensão internacional.

2.- Entre os elementos que concorrem no processo educativo o Guidismo oferece:

- . um entorno social estruturado que se concreta numa Equipe, numa Unidade, num Grupo...
- . uma ferramenta educativa para ser praticada coletivamente: o jogo.
- . pautas de conduta para o desenvolvimento pessoal e coletivo: Lei e Promessa.
- . e atividades à serviço da comunidade, orientadas a conhecê-la melhor, e abertas a pessoas fora da entidade, a outras comunidades, à integração...

3.- Especialmente valiosa é a estrutura de equipes. Na equipe a menina ou adolescente terá oportunidade de opinar e de ser considerada para tudo. As pessoas que formam a equipe têm oportunidade de viver e construir livremente sua própria história através de suas decisões. Cada uma encontra-se num meio que lhe permite sair do anonimato e sentir-se reconhecida porque é um marco socio-político no seu nível que lhe permite progredir juntamente com uma educadora que lhe ajuda a ver “o lado bom das coisas”, a julgar os acontecimentos com olhar positivo, a ser construtiva no presente e otimista com relação ao futuro.

4.- O Guidismo representou também uma autêntica escola de democracia. Contribuiu para isso:

- . O costume de sentar-nos em círculo para encarar-nos e dialogar.
- . Viver o fomento da convivência, da liberdade e da riqueza do pluralismo.
- . Potencializar o bom ambiente, a participação e o respeito aos direitos.
- . Encontrar o sentido de estar juntas compartilhando situações incômodas.

- . Evitar os conflitos de convivência, promovendo o diálogo e o intercâmbio.
- . Desenvolver hábitos cooperativos e uma atitude crítica diante da cultura bélica.
- . Tomar decisões de forma consensuada pensando no que é melhor para todos.

3.3.2 Guidismo pela paz na reflexão

Nesta seção dedicada à reflexão, partimos do extrato de um texto escrito pela pessoa que importou o Guidismo para a Espanha desde a Inglaterra, continuamos com um resumo expositivo das razões que atribuem ao Guidismo a condição de entidade implicada na educação para a paz e completamos com uma seleção de contribuições contidas em circulares e boletins da Associação de Guias da Espanha (A.G.E.) ao longo dos anos.

3.3.2.1 Comunicação de María Abrisqueta

María Abrisqueta, fundadora do Guidismo na Espanha, assinava em 1962 uma reflexão encontrada na circular nº 2 das Guias de São Sebastião, que apresentamos uma síntese a continuação:

As chefes (educadoras) de vez em quando devem deter-se a pensar um pouco e ver se compreendem bem o que estão realizando.

Devemos pensar em qual é a finalidade do Guidismo.

Pessoalmente a mim o Guidismo me fez muito bem e me ajudou muito na vida. Principalmente em três pontos muito importantes:

1.- Compreender aos meus semelhantes, ter mentalidade ampla e tentar ver o bom que têm os demais.

2.- O Guidismo ensina a viver de modo mais simples, a cuidar de si mesma e a privar-se de certas comodidades. Assim, quando vierem épocas difíceis podemos assimilar melhor os infortúnios.

3.- Nossa escola é uma escola de mulheres aptas para servir onde quer que chame a sua vocação. Fazemos com que elas estejam prontas para tudo de nobre, de bom, de útil que vale a pena fazer neste mundo. Sem esperar “recompensa”.

Podemos agregar a tudo isto a própria satisfação: a irmandade e o companheirismo entre as chefas (educadoras), os encontros internacionais... porque tudo isso nos enriquece.

Por tudo isso, recorde:

Amplitude de visões

Mentes abertas

Escola de mulheres úteis que aprendam a SERVIR.

Este é teu caminho.

Se observamos as principais contribuições da comunicação de María Abrisqueta destaca-se o fato de que ela inicia suas palavras com uma preocupação em compreender quem nos rodeia, o que vai além de uma simples tolerância, ao mesmo tempo que nos libera da visão reduzida a que poderia conduzir-nos nossa própria percepção se nos conformássemos em valorizar a outras pessoas aplicando simplesmente nosso próprio esquema mental. Incita a prestar atenção ao que passa em volta e a aprender a apreciar as qualidades dos demais, evitando que passem despercebidas. Poderia resumir-se num chamado à empatia e a uma atitude acolhedora.

Alude-se, em segundo lugar, à capacidade de austeridade que potencia o Guidismo, ensinando a discernir o necessário do supérfluo e a superar os contratempos, especialmente nas distintas situações que propiciam as acampadas. Essas experiências constituem um valioso treinamento para aquelas etapas da vida em que nossos recursos materiais sejam escassos, nossas expectativas mais queridas se façam esperar ou tenhamos que suportar situações injustas. É uma boa bagagem de preparação para a vida fazer votos de austeridade, paciência ou temperança.

A terceira contribuição resume e amplia as anteriores destacando a idéia de que o Guidismo é uma escola de mulheres úteis, preparadas para SERVIR em diferentes tarefas.

Finalmente, insiste-se em especificar qual é a meta e aconselha-se a traçar o caminho até ela. E tudo isso com alegria, enriquecendo-se humanamente ao mesmo tempo em que se trabalha conscientemente pela melhoria pessoal servindo aos demais.

Diante deste planteamento cabe perguntar-se qual é a probabilidade de que uma pessoa com estas qualidades e ilusões cause no seu entorno alguma dificuldade de convivência.

3.3.2.2 Documento “Guidismo pela paz” difundido pela AGE

Em nossa opinião o documento que melhor copila as ideias que justificam o trabalho que se realiza no Guidismo pela paz expressaram-se numa circular extra, apresentada no ano acadêmico 1981-82, intitulada “Guidismo pela paz” e publicada no momento em que na Associação Guías de Espanha (A.G.E.) decidiu-se apoiar o Manifesto pela Paz e o Desarmamento. Está assinado por María Teresa Cormenzana, então Presidenta de AGE:

Guidismo pela paz é o mesmo que dizer A.G.E.. Dar um passo mais na sua trajetória de luta contra a guerra e a favor da democracia no terreno da pedagogia.

Esta ação concreta é a única ação coerente com nossa própria história e com todos os argumentos, critérios e teorias defendidos nas nossas publicações pedagógicas.

Nossa opção no Guidismo carrega consigo uma ética que nos leva a crer nos elementos positivos. Cremos que educar na PAZ é educar na SINCERIDADE e educar no AMOR. A educadora deve ser capaz de exercer uma influência alentadora e estimulante sobre seus educandos, de gerar amor e ensinar a DAR como expressão de vitalidade, força e felicidade. Mostrar na infância como relacionar-se com OS OUTROS, como reconhecer seus interesses –às vezes opostos aos interesses próprios- e permite aprender a pactuar. No núcleo do grupo a equipe pode encontrar uma oportunidade para treinar na luta contra as intransigências e os atos egoístas.

O Guidismo permite viver um compromisso realista, testemunhal, social e ao mesmo tempo muito simples porque adquire o formato de uma grande festa entre irmãos em volta do mundo. É o que celebramos cada ano no Dia do Pensamento. Esta é a fórmula realista do Guidismo para educar na PAZ e para a PAZ.

Através das diferentes etapas o Guidismo convida a esforçar-se para conseguir um progresso pessoal enfocada no SERVIÇO aos demais para tentar ser útil para eles.

O Guidismo dá prioridade à pessoa em detrimento do êxito de uma empresa. As atividades propostas devem conseguir que se sinta integrada através de uma tarefa que será realizada, ao mesmo tempo em que se sente membro de uma comunidade e vai desenvolvendo a idéia de universalidade. As oportunidades de relacionar-se com crianças e jovens de outras nacionalidades, através de acampamentos, trilhas ou outras atividades, faz com que possa ver o mundo sem fronteiras onde todos formamos uma família e somos irmãos.

É um programa que verdadeiramente vai formando a persona. Quem vivenciou o Guidismo ano a ano tem a consciência de até que ponto lhe preparou para a vida, lhe formou como pessoa e possui essa ideologia empreguinada em si. Desde esta perspectiva o Guidismo estabelece-se como uma autêntica escola de convivência e de serviço transmitindo ao mundo uma constante mensagem de PAZ e de AMOR entre os homens.

As guias, com um autêntico sentido da liberdade interior, com um grande sentido da responsabilidade e com a convicção de que a boa convivência é lograda com esforço e o compromisso de todos, são firmes criadoras de novas opções. Porém, construir uma autêntica paz baseada no respeito, na liberdade e no amor é uma meta de todos os tempos do Guidismo.

Tomara que a consciência e o bom senso dos povos despertem para chegar a um estado de civilização no qual a guerra passe a ser só uma inconcebível loucura dos antepassados.

3.3.2.3 Seleção de reflexões ao longo do caminho para uma educação para a paz

São apresentadas a continuação algumas reflexões compiladas em circulares e outras publicações. Evidência-se que a preocupação pelo tema da paz existiu na AGE desde muitos anos atrás.

3.3.2.3.1 Década de 60

Na década de 60 ressalta a chamada para intervir, edificar, mudar, permanecer em alerta e ativa para conseguir a paz. A citação de Lanza del Vasto “*Quem quer a paz deve renunciar ao descanso*” (Boletim AGE nº 1, 1967, p. 11) é uma boa prova disso e está apoiada na idéia apresentada no texto a seguir: “*O mundo é nosso e devemos transforma-lo. Caso contrário não mereceríamos ser chamados de cidadãos, mas somente de parasitas de um mundo do qual recebemos tudo e ao qual não damos nada*” (Boletim AGE nº 3, 1968, p. 7).

Nos textos a seguir pode ser apreciada a forma na qual se incita a “fazer algo útil” para conseguir a paz, seja ela uma reforma radical de índole política e moral, seja viver no mundo lutando, construindo e contribuindo com um trabalho comum com todos os homens ou desenvolvendo vários aspectos: pessoal, social...

“Estamos na era dos perigos supremos que ameaçam a existência em si da espécie humana, mas que, precisamente por isso obrigam-nos a uma reforma radical, quero dizer política e moral, para a realização de nossos destinos”. René Maheu, Diretor Geral da UNESCO, cit. pelo Boletim AGE nº 1 (março 1966), p. 13.

“CONSTRUTORAS DA NOVA PAZ (...) O Guidismo será mais autêntico quanto mais ensine as meninas a viverem no mundo. Deve ensinar-lhe que a vida é luta e construção e este trabalho comum a todos os homens é o que nos faz comunidade ativa” Boletim AGE 1-2, 1968, p.42

PROGRAMA NACIONAL ano letivo 68-69: O desenvolvimento, novo nome da paz... Aspectos a desenvolver:

- Pessoal
- Familiar
- Social: conhecimento da sociedade: local, nacional, mundial... “Participação na construção de um mundo novo”. Boletim AGE 4, 1968, p. 6-7

3.3.2.3.2 Década de 70

Na década de 70 são encontradas mais alusões concretas à internacionalidade, algumas muito diretas em sua vinculação desta com a via da educação para a paz. Assim, “*Temos um compromisso com toda a humanidade que nos reclama e que nos exige*” (Boletim A.G.E. nº 50, fevereiro 1975, p. 29); o programa intitulado de maneira expressiva de “*Guidismo Internacional: Um Caminho para a Paz*” e um testemunho pessoal impactante. Para concluir, umas palavras de Marita na carta que escreveu em 1979, ano do aniversário de 50 anos.

GUIDISMO INTERNACIONAL: UM CAMINHO PARA A PAZ

... As dificuldades que se interpõem no caminho da consecução da paz já são de domínio público por comenta-las através destes últimos anos; mas não basta conhece-las. Temos que trabalhar ativamente na atividade comum que está sendo realizada para que desapareçam...

... O Guidismo conta com uma longa história como força social vanguardista...

... Ainda que seja um fato que, em geral, há uma grande distância entre nossa teoria e nossa prática, não devemos aceitar a situação como incorrigível, pelo contrário, devemos encurtar distâncias”.

Programa “Guidismo internacional: um caminho para a paz” apresentado na circular nº 3, 1971, p. 22

Depois de uma experiência especialmente significativa fora da Espanha, Arantxa Elorza assinava a seguinte reflexão:

“...vejo o difícil que é viver na luta e na contemplação, o difícil que é amar como a ti mesmo a esse que odeias, o difícil que é não fazer com que ninguém seja vítima de ti mesmo, o difícil que é lutar contra a opressão se não acredita que oprime, o difícil que é lutar contra a injustiça se é injusto, o difícil que é conhecer se aquilo que faz é...”
Boletim AGE nº 50, fevereiro 1975, p. 30

Na longa carta que Mariíta (María Abrisqueta) escreveu em São Sebastião no dia 21 de novembro de 1979 para agradecer “o maravilhoso ano que passou com todas vocês nas diferentes ocasiões em que nos reunimos para celebrar os 50 anos” reflete as sensações vividas no Acampamento realizado no *El Escorial* dizendo:

“A presença de Guias, incluídas as estrangeiras, novamente confirmou a maravilha do Guidismo que abarca ao mundo inteiro. Nós recordaremos aqueles dias do encontro como os dias do rejuvenescimento em que todas retornamos a nossos anos juvenis, dias de paz y de alegria que nunca poderemos esquecer e que demonstram que não é uma UTOPIA sonhar com a fraternidade universal”.

3.3.2.3.3 Década de 80

Grande parte da primeira circular do ano letivo 1980-81 dedicou-se a tratar do tema da paz. Um dado que deve ser ressaltado, enlaçando com o texto anterior de Mariíta, é que nessa circular presente-se a convocatória para participar em dez acampamentos internacionais programados para realizar-se em diversos países da Europa, e outro mais na R. P. China.

Dois dos textos parecem especialmente valiosos e, sintetizados, são apresentados aqui, juntamente com uma citação de destaque: “*Desejo ser chamado de cidadão do mundo, um amigo de todas as nações do universo*”. Erasmo cit. na Circular AGE nº 1 Ano letivo 80-81 p. 13

Antonio Ramos, então Conselheiro Geral de A.G.E. apresentava na primeira página a idéia de paz proposta pelo Guidismo:

“Viver em paz. Queremos viver em paz. É certo (...)
Se não nasce de um coração em paz, toda tentativa de paz é impossível. (...) Mas temos os meios: nossos próprios, nossa capacidade de amar, de luta e de perdão. Temos os canais: nosso Guidismo que crê no homem e na vida e é fraternidade. Vamos, então. Queremos viver numa paz que queremos construir”. Circular AGE nº 1 Ano Acadêmico 80-81 p.1

No entorno do Guidismo eram escritos textos que eram apresentados e publicados nas circulares de AGE para a reflexão de seus componentes:

*“A construção da paz é uma opção proposta a todo homem. Não é uma tarefa reservada aos poderosos, ainda que estes tenham responsabilidades concretas neste sentido.
Não é também um ideal inacessível. Se a paz é fruto da justiça, de uma maior valorização da liberdade, de um maior apreço pela verdade e de uma mais responsável e democrática participação na vida da sociedade, a obrigação de todos é colaborar no esforço para eliminar tudo que impeça ou obstaculize o desenvolvimento e aperfeiçoamento destes valores humanos e sociais.
Negar-se a reconhecer esta responsabilidade equivale a renunciar ao papel de protagonista da história que compete a todo homem. (...) A construção da paz compromete a criatividade de todos, a nível individual e de maneira solidária com todos os demais”.*
(Do documento “Justiça e Paz” para a Jornada Mundial da Paz de 1973) Apresentado na Circular AGE nº 1 Ano letivo 80-81 p. 1

3.3.3 Guidismo pela paz na ação

A ação sempre vem precedida pela reflexão, e, frequentemente, existe uma distancia temporal entre uma e outra. Como consequência de muitas reflexões somadas por muitas pessoas ao longo de vários anos, dentre as quais se acabam de indicar algumas, conduziram às guias a atuar.

O espírito que impulsionava as Guias a ação da época encontrava-se traduzida na intenção que animava os Cursos de Formação de Educadoras, o primeiro dos quais foi realizado em Zaragoza durante a Semana Santa de 1975. O planteamento das participantes era o seguinte:

Somos pessoas. Preparamo-nos para ser pioneiras de um mundo mais justo para todos, vivendo o Guidismo que queremos fazer, caminhando conjuntamente na amizade e no trabalho, na riqueza de uma grande comunidade, no risco do compromisso com a esperança de uma juventude melhor (Boletim AGE nº 50, fevereiro 1975, p. 26).

Estão indicadas a continuação as ações concretas que, durante um ano letivo selecionado aleatoriamente -1982-1983- foram realizadas pela AGE. Pouco depois, em 1984, a Associação abriu caminho para a estrutura federativa.

As fontes consultadas são documentos oficiais –boletins, atas das reuniões da equipe geral e memória anual- que refletem a atividade da associação naquela etapa. É importante considerar que os primeiros anos depois da mudança recente de regime político foram especialmente difíceis na Espanha.

3.3.3.1. Assembléia Geral

Na Assembleia Geral realizada em Xátiva (Valencia) em outubro de 1982 acordou-se que em todas as províncias realizara-se o dia do Pensamento, uma atividade com o tema da Paz. (Trébol. Boletim Informativo da Associação Guias de Espanha. Novembro 1982).

3.3.3.2. Segunda reunião da Equipe Geral

Na ata da segunda reunião da equipe geral do ano letivo 1982-83 o ponto 4.2 trata do tema da participação da AGE na Plataforma Juvenil pela Paz. Especifica-se que se participa para:

- . Dar um testemunho de diálogo e esforço unitário;
- . Porque se trata de um tema educativo e AGE é a única associação de escotismo;
- . E por coerência ao optar-se por incorporar-se ao Comitê pela Paz e pelo Desarmamento com valentia e sem ambiguidades.

Insiste-se em focar o esforço na linha pedagógica.

O ponto 4.3 considera o tema da objeção de consciência com respeito ao que se acorda que A.G.E. não se declara objetora como entidade, mas defenderá o direito individual a objetar.

Na avaliação da reunião da equipe tratam-se, entre outros, dos pontos de ambiente (“clima”) e respeito. E continua-se mantendo esta norma em sucessivas reuniões.

3.3.3.3 Terceira reunião da Equipe Geral

Na III Reunião da Equipe Genal no ano letivo 1982-83 a representante de AGE na Plataforma Juvenil pela Paz informa sobre os projetos em andamento:

- A Prefeitura de Madrid está organizando um Encontro sob o lema “Cidade pela Paz” para o mês de abril;
- É lida uma carta dos Comitês de Solidariedade com América Central. Vislumbra-se realizar uma manifestação. Decide-se não participar em dita manifestação como Associação, mas sim informar aos Grupos de Madrid para que quem esteja interessado possa participar a título pessoal.
- Planteiam-se possíveis atividades para o Dia Escolar da Paz.
- Uma responsável (educadora) de Madrid informou que há na Associação pessoas sensibilizadas com o tema da Não Violência que participam num Seminário que está sendo realizado na segunda-feira.

3.3.3.4 Quinta reunião da Equipe Geral

- Na ata da V Reunião da Equipe Geral constata-se que se continua participando em muitas iniciativas do Movimento pela Paz.

3.3.3.5 Memória AGE do ano letivo 1982-83

Na Memória AGE do ano letivo 82-83 apresentam-se as crônicas das relações exteriores entre as quais aparecem as que são mantidas com o Comitê de Enlace do Guidismo na Espanha (C.E.G.E.), saídas internacionais que somam quinze, com a Conferência Internacional Católica do Guidismo (C.I.C.G.). Com a Associação de Entidades Juvenis Educativas e de Serviços (A.E.J.E.S.), outras atividades interassociativas, que somam quatro, e atividades em torno da educação para a paz.

Com relação a estas últimas constata-se que:

- 1.- Até o mês de janeiro, quando a representante apresentou sua demissão, A.G.E. esteve integrada na Plataforma Juvenil pela Paz, participando ativamente em todos os seus trabalhos: Organização do Dia Mundial da Paz, etc.
- 2.- Preparou-se o II Encontro de Jovens pela Paz e aportou-se o artigo “Guidismo: Educamos para a Paz”, da circular extraordinária que se editou no ano anterior.
- 3.- Participou-se do Comitê para o Direito e a Objeção de Consciência, com um representante permanente.
- 4.- Vários Chefes (educadores) de Madrid participaram do Seminário para a Não Violência que foi realizado ao longo de vários meses.
- 5.- Também a província de Zaragoza colaborou na organização da Ponte para a Paz, junto com outras muitas entidades juvenis e cívicas. (Memória AGE, Ano letivo 82-83, p. 35)

Para completar a visão do que supunha somar-se à Plataforma Juvenil pela Paz, parece conveniente dar uma idéia do ideal que se pretendia naquele momento, o que fazemos a continuação transcrevendo uma parte do seu conteúdo:

Diante da situação do mundo, a Plataforma Juvenil pela Paz propôs:

- 1.- Que se opte por uma política civil, neutra e pacífica desde a perspectiva de uma vontade popular a favor do Desarmamento incondicional e unilateral como única garantia da PAZ.
- 2.- Que se reconheça como legítima a defesa das sociedades desde a prática e o controle desta por toda a população, opondo-se ativamente àqueles interesses internos e externos que anulem seu pleno

desenvolvimento. Ao mesmo tempo deve-se potencializar formas de defesa NÃO ARMADA.

3.- A reconversão dos gastos militares para contribuir para eliminar a miséria e o subdesenvolvimento desde a solidariedade internacional.

4.- Denunciar a venda de armamento e a exploração econômica do Terceiro Mundo.

5.- Lutar pela dissolução dos blocos militares e por conseguir uma Europa independente, não intervencionista e neutra.

6.- Exigir a desativação nuclear dos países, e, em concreto, recusar que Europa ou qualquer outra parte do mundo, convertam-se num teatro de operações de uma guerra nuclear limitada.

7.- Apoiar todas as atividades a favor da PAZ só é possível quando se respeita todos os direitos humanos, a autodeterminação dos povos e o exercício pleno das liberdades.

3.3.4 Guidismo pela paz na condição feminina de seus integrantes

Foi imenso o esforço realizado desde que Aletta Jacobs (1854-1929), primeira mulher em completar um curso universitário nos Países Baixos e primeira mulher médica, ajudara a iniciar o Congresso da Haya de 1915 que conduziu à formação da Liga Internacional de Mulheres pela Paz e pela Liberdade (WILPF), e trabalhara para apoiar à Aliança Internacional de Sufrágio da Mulher na esperança de que o sufrágio para a mulher e uma paz permanente iriam sempre unidos.

A este esforço incorporou-se o Guidismo, que, nascido na Inglaterra, estendeu-se rapidamente pelo mundo e em 1912 havia chegado a estabelecer-se já em dez países que adotaram uniformes e insígnias diferentes, mas que compartilhavam os mesmos ideais. Este veloz crescimento foi o resultado dos esforços de muitas mulheres entusiastas e engenhosas que souberam intuir uma bela oportunidade para a educação das meninas.

O avanço desde então foi considerável, porém ainda temos que percorrer um longo caminho. No dia 22 de fevereiro de cada ano, data do aniversário de Baden Powell e de Olave, dez milhões de meninas e mulheres jovens e mais de um milhão de voluntárias adultas celebram o Dia Mundial do Pensamento, realizando atividades e participando de campanhas relacionadas com o tema do ano.

Para 2011 foi escolhido o Objetivo de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas nº 3: *girls worldwide say, “o empoderamento das meninas mudará nosso mundo”* cujo objetivo é criar consciência sobre a situação em que vivem muitas

meninas e mulheres jovens e empondeira-las para que adotem uma postura contra a desigualdade.

Aceitar que a injusta discriminação sofrida por uma imensa maioria da população feminina prejudicou claramente o avanço da paz no mundo é uma percepção corroborada pelo ex-diretor geral da UNESCO e Presidente da Fundação Cultura de Paz, Federico Mayor Zaragoza. Ao redigir o prólogo da obra “Cinquenta anos de evolução da pesquisa para a paz” (GRASA, 2010), faz constar que “numa sociedade ‘masculina’ –a aparição da mulher nos cenários públicos é tão fugaz como anedótica - prevaleceu o perverso adágio de ‘se quer a paz, prepara a guerra’” (p. 10).

Esta recente afirmação correlaciona-se com a idéia expressa há sete décadas em sua obra “Três guinés” por Virginia Woolf (1977, p. 14): “Por que lutar? Carece de valor. Evidentemente para vocês na luta há certa glória, certa necessidade, certa satisfação, que nós jamais sentimos nem disfrutamos”. E em outro lugar desta mesma obra (1977, p. 146 e 148): O que significa para mim a pátria sendo como sou uma estranha? (...) Na minha condição de mulher não tenho pátria. Na minha condição de mulher não quero ter pátria. Na minha condição de mulher minha pátria é o mundo inteiro.

A palavra de Françoise Giroud, jornalista, roteirista, [escritora](#) e [ministra do governo francês](#), no seu decidido compromisso contra a [guerra de Argélia](#), a favor da [luta das mulheres](#) e da [liberdade de imprensa](#) veio somar-se a esta linha de pensamento ao mesmo tempo que aporta um dado interessante: “O único que pode salvar a humanidade de um desastre de guerra nuclear é que as mulheres ocupemos os dois terços dos centros de decisões do mundo” (cit. na Circular AGE nº 1 (1977-1978), p. 19). Poucos anos depois de apresentada esta citação, Thomson (1983) coordenava o livro subtulado “*Mulheres contra o perigo nuclear*”.

4. Considerações finais

Contava Bob Dylan, 21 anos, em 1962 quando as crises do momento inspiraram-lhe a compor o provavelmente possa ser considerada como a canção mais emblemática da década de 60: Blowin’ in the wind. Sua letra trata da paz, da compaixão e da liberdade. O enfoque de esperança com que são tratados estes temas transcendentais e atemporais permite manter hoje sua vigência.

Pelo Guidismo haver nascido na Inglaterra, e por ser a mais internacional, a língua inglesa é a língua oficial da Associação Mundial. Nesta língua, escutamos muitas vezes a letra desta canção:

*How many seas must a white dove sail
Before she sleeps in the sand?*

*How many times must the cannon balls fly
Before they're forever banned?*

*How many times must a man look up
Before he can see the sky?*

Quantas...? Quando...? Quanto demorará, quando chegará a paz? Muitas perguntas pairam no ar e até agora desconhecemos as suas respostas.

Sabemos que a paz que buscamos ainda pertence ao futuro. Não somente a esperamos como também queremos sair ao seu encontro porque temos a obrigação moral de continuar na linha empreendida e tentar encurtar as distâncias. Nosso Guidismo está contribuindo para lograr esse objetivo. Nele mantemos o otimismo e a esperança porque a paz é possível.

Referências Bibliográficas

ABRISQUETA, María. *Carta a las Guías con motivo de la celebración del Cincuentenario en España, fechada el 21 de noviembre*. San Sebastián: documento fotocopiado, 1979

ARISTÓTELES. *La política*. Madrid: Editora Española, 1977.

ASOCIACIÓN MUNDIAL DE LAS GUÍAS SCOUTS. *Puntos Básicos*. Londres: World Association of Girl Guides and Girl Scouts, 1976

ASOCIACIÓN DE GUÍAS DE ESPAÑA. *Estatutos (Años 1958, 1965 y 1972)*

-----. *Circular n° 2 Guías de San Sebastián, 1962*

-----. *Método Guía Cursillo de información, 1975*

-----. *Circular n° 1, 1978-1979*

-----. *Circular AGE n° 1, 80-81*

-----Circular extra "Guidismo por la paz", 1981-82
-----Boletín AGE nº 1, 1966.
-----Boletín AGE nº 1, 1967
-----Boletín AGE 1-2, 1968
-----Boletín AGE nº 3, 1968
-----Boletín AGE 4, 1968
-----Boletín AGE nº 50, 1975
-----Circular nº 3, 1971
-----Trébol. Boletín Informativo de la Asociación Guías de España, noviembre 1982
-----Actas reuniones del equipo general (Segunda, tercera y quinta), 1982-83
-----Memoria del curso, 1982-83

BOSNA V.V.A., y GARCÍA RODRÍGUEZ, M.L., Exploradoras y Guías en Italia
Revista de Ciências da Educação, n. 22, p. 391-445, 2010

_____. Propuesta pedagógica de las Exploradoras y las Guías italianas, *Revista de Ciências da Educação*, nº 24 (En prensa)

CENTRO REGIONAL DE AYUDA TÉCNICA. *El Trébol alrededor del mundo*. México: Fournier, 1968.

ECHEBERRÍA, Amparo; ALBONIGA-TXINDURZA, Belén; MARI, Paloma; CORMENZANA, María Teresa y ZULUETA, Maritxu. *María Abrisqueta*. San Sebastián: Diputación Foral de Gipuzkoa, 2006.

GARCÍA CANEIRO, J. y JAVIER VIDARTE, F. *Guerra y Filosofía: Concepciones de la Guerra en la historia del pensamiento*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2002

GARCÍA RODRÍGUEZ, María Luisa. *Sobre Escultismo y Guidismo en España*. Memoria de Licenciatura. Facultad de Pedagogía. Salamanca: Universidad Pontificia, 1979.

-----Aproximación esquemática a una Pedagogía del Tiempo Libre, *Monitor-Educador*, 1983, nº 7, pp. 7-11

-----Fundamentación pedagógica del escultismo femenino, *Papeles Salmantinos de Educación*, 2007, nº 8, pp. 291-316

_____. 2009: *80 años de Guidismo en España, 100 en el mundo*. *Revista de Ciências da Educação*, n. 20, p. 125-164, 2009

GARCÍA RODRÍGUEZ, M.L., y BOSNA V.V.A., Claves educativas del Guidismo, *Revista de Ciências da Educação*, n. 21, p. 347-380, 2010.

_____. Notas históricas del Guidismo en España (1929-2009) Historia de la Educación. *Revista Interuniversitaria*, nº 30 (2011) (En prensa).

_____. El Guidismo como movimiento social, *Revista de Ciências da Educação*, nº 24.

GRASA, R. *Cincuenta años de evolución de la investigación para la paz*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, 2010.

LIDINGTON, J. La campaña de las mujeres por la paz. Historia de una lucha olvidada en THOMSON, D. (Coord.)... , *Antes muertas. Mujeres contra el peligro nuclear*. Barcelona: LaSal, edicions de les dones, p. 192-210, 1984.

MARTÍNEZ LÓPEZ, C. Las mujeres y la paz en la historia. Aportaciones desde el mundo antiguo en MUÑOZ, Francisco A. y LÓPEZ MARTÍNEZ, Mario (edts.), *Historia de la paz. Tiempos, espacios y actores*. Granada: Eirene, p. 255-290, 2000.

MARTÍNEZ LÓPEZ, C. Eiréne y pax. Conceptualizaciones y prácticas pacíficas de la mujeres en las sociedades mediterráneas antiguas. *Arenal. Revista de historia de las mujeres*, n. 2, 1998.

ORTEGA, María Jesús. *Manual de la Alita*. . Madrid: A.G.E., 1973.

_____. *Manual de la Jefe. Rama Alita*. Madrid: A.G.E., 1973.

THOMSON, D. (Coord.) *Antes muertas. Mujeres contra el peligro nuclear*. Barcelona: LaSal, edicions de les dones, 1983.

VEGECIO RENATO, F. *Compendio de técnica militar*. Madrid: Editorial Cátedra, 2006.

WOLF, V. *Tres guineas*. Barcelona: Lumen, 1977.

Páginas web

<http://es.wikipedia.org/wiki/Guidismo>

Conferencia Internacional Católica del Guidismo
<http://cicg-iccg.org/document/educar-esp.html>

AMGS Asociación Mundial de las Guías Scouts
www.wagggsworld.org